

# LINGUASAGEM

## INOVAÇÃO LEXICAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: ACONTECIMENTO E EFEITO

Milena Borges de MORAES<sup>1</sup>  
Rejane CENTURION<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo fazer uma discussão acerca de inovações lexicais no português brasileiro, no contexto da epidemia provocada por um novo coronavírus, causador da doença Covid-19, epidemia esta, concebida como um acontecimento histórico e discursivo. São analisadas quatro unidades neológicas veiculadas em enunciados de diferentes suportes textuais, descrevendo-se sua estrutura a partir dos processos de formação de palavras; e, em seguida, seus efeitos de sentido. Como pressupostos teóricos, parte-se de Alves (2010, 2007, 2004, 2002, 1988), Biderman (1998a, 1998b), Monteiro (2002) e Pêcheux (2007; 2008), para sustentar que a criação lexical, determinada pela situação de pandemia, permite colocar em funcionamento diferentes discursos para dizê-la.

**Palavras-chave:** acontecimento; pandemia; inovação lexical; formação de palavras; efeitos de sentido

**Abstract:** This work aims to make a discussion about lexical innovations in Brazilian Portuguese, in the context of the epidemic caused by a new coronavirus, causing Covid-19 disease, this epidemic, conceived as a historical and discursive event. Four neological units are analyzed, conveyed in statements of different textual supports, with a description of their structure starting the word formation processes; and then its sense effects. As theoretical assumptions, we start from Alves (2010, 2007, 2004, 2002, 1988), Biderman (1998a, 1998b), Monteiro (2002) and Pêcheux (2007; 2008), to maintain that the lexical creation, determined by the situation pandemic, allows different discourses to be put into operation for to say it.

**Keywords:** Event; Pandemic; Lexical innovation; Word formation; Sense effects

### Introdução

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra, Curso de Licenciatura em Letras. *E-mail:* milena@unemat.br

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Tangará da Serra, Curso de Licenciatura em Letras. *E-mail:* rejanecenturion@unemat.br

O percurso científico do homem em relação ao conhecimento do universo tem como primeira etapa a nomeação da realidade por meio de signos linguísticos que reportam ao universo referencial e geram um dos níveis das línguas naturais: o léxico, um "conjunto abstrato das unidades lexicais<sup>3</sup> da língua" (BIDERMAN, 1999, p. 88), que registra e revela a experiência de vida de um grupo, e o modo como este organiza simbolicamente o mundo.

A maneira como referenciamos o mundo ocorre por meio desse sistema aberto, dinâmico e instável que é o léxico, o qual se constitui assim para configurar linguisticamente o que há de novo, refletindo as mudanças ou inovações sociais, históricas, culturais, políticas, econômicas e tecnológicas, e é nesse contexto que podemos discutir o desuso e a criação de novas palavras, a atribuição de novos sentidos para palavras já existentes e empréstimos linguísticos, configurando-se, portanto, como um campo teórico que trata de mudanças, inovações e enriquecimento do conjunto de palavras da língua.

Interessa-nos, isto posto, fazer uma reflexão acerca da inovação do léxico do português brasileiro advinda do acontecimento histórico e discursivo que configura a pandemia<sup>4</sup> promovida pela disseminação de um novo coronavírus, causador da Covid-19, doença disseminada, inicialmente, na cidade de Wuhan, na China, e, posteriormente, em diversos países, inclusive, no Brasil, o que, naturalmente, provoca necessidades emergentes da sociedade, dentre elas, a de nomear, significar essa nova realidade.

A língua, como um patrimônio de toda comunidade linguística, concede aos membros dessa sociedade o direito de criatividade léxica, e os neologismos recém-criados têm a oportunidade de serem conhecidos e difundidos, em geral, por meio de obras literárias e meios de comunicação de massa (ALVES, 2007). Nesse sentido, temos como objetivo discutir e procurar compreender ocorrências neológicas do português brasileiro emergidas no contexto dessa pandemia e materializadas em textos midiáticos, a partir de um estudo lexical na umbilical relação com a historicidade, ou seja, considerar os efeitos de sentidos que as unidades neológicas permitem colocar em funcionamento. Para isso, nos embasamos teoricamente nos estudos de Alves (2010,

---

<sup>3</sup> Compreendemos unidade lexical como uma unidade semântica que pode ser representada por uma, duas, três ou mais unidades formais/palavras (BIDERMAN, 1998b).

<sup>4</sup> "Enfermidade epidêmica amplamente disseminada" (HOUAISS, 2009).

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

2007, 2004, 2002, 1988), Biderman (1998a, 1998b), Monteiro (2002) e Pêcheux (2007; 2008).

Como princípio metodológico, utilizamos o critério de exclusão lexicográfica para a consideração do caráter neológico ou não neológico de uma unidade lexical. Alves (2007, p. 85) pondera que "apesar das arbitrariedades manifestadas pelos dicionários, eles simbolizam o parâmetro, o meio pelo qual decidimos se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua". Dessa forma, consideramos os seguintes dicionários para exercerem o papel de filtro para caracterizar as unidades lexicais como neológicas, ou seja, que não se encontram registradas: Houaiss (2009) e Michaelis (2015). Também consideramos como *corpus* de exclusão o Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (2009), publicado pela Academia Brasileira de Letras.

A análise centra-se em compreender os diferentes processos morfológicos empregados na criação das unidades neológicas selecionadas, e como os sentidos acerca da pandemia se constituíram numa relação entre estrutura e acontecimento. Os modos como a pandemia produz efeitos se marcam pela língua, se materializando nesta, a ideologia, através da escrita, da palavra, recusando de não se acomodar nas evidências. Nessa conjuntura, selecionamos, então, quatro unidades para constituírem o *corpus* desta pesquisa, a saber: **covid-19, auxílio emergencial, coronavoucher e lockdown**. Inicialmente, discorreremos sobre a estrutura das unidades neológicas, a partir dos estudos sobre formação de palavras, e, em seguida, comentamos seu funcionamento discursivo.

### **As palavras acontecem**

O acervo lexical da língua portuguesa, assim como o das demais línguas vivas, renova-se constantemente por meio do processo de criação lexical denominado *neologia*, a partir do qual resultam palavras que são denominadas de *neologismos*. Mobilizamos, neste estudo, o conceito de neologismo como uma nova forma (oriunda da própria língua portuguesa ou proveniente de outro sistema linguístico, um estrangeirismo) a uma nova acepção atribuída à língua. "Excetuados os empregos de caráter intencional no âmbito literário e publicitário, o neologismo está vinculado ao caráter social da linguagem", ou seja, "resulta de uma necessidade de nomeação ou de um evento, que determina a criação de uma nova unidade lexical" (ALVES, 2010, p. 65).

A criação de palavras não se dá, portanto, alheia às mudanças sociais, refletindo, pois, as necessidades dos falantes. E é no contexto do surgimento de uma pandemia que o falante do português brasileiro se vê empregando palavras não antes empregadas. Conforme Possenti e Muniz (2020, p. 2), “não se falaria de Covid-19, isto é, não haveria enunciados sobre ou a partir da Covid-19, se não houvesse o acontecimento pandemia provocada por tal vírus”. E destacam, ainda, que:

Um *acontecimento* tem uma face histórica (o que acontece) e uma face discursiva (o que se diz). Cabe ao analista tentar esclarecer em que medida o que se diz tem a ver com o que acontece, segundo quais regras ou princípios enunciativos, já que a relação entre acontecimento histórico e acontecimento discursivo não é mecânica (POSSENTI; MUNIZ, 2020, p. 2),

o que nos instiga a mostrar alguns dos neologismos que “aconteceram”, tendo como condições de produção a pandemia da Covid-19.

Trabalhar com a língua é compreender diferentes formações sociais, históricas e ideológicas que constituem a sociedade atual e, por sua vez, os modos como a pandemia da Covid-19 vem sendo (re)significados ou (re)produzidos, pelas palavras. A seguir, a análise estrutural do *corpus* deste estudo, a saber, os neologismos: **Covid-19**, **auxílio emergencial**, **coronavoucher** e **lockdown**.

#### a) Covid-19: composição por sigla

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou situação de pandemia por conta de um novo coronavírus que causa uma doença respiratória aguda grave, nomeada COVID-19. A formação dessa unidade neológica ocorreu por meio do mecanismo de composição por sigla ou acronímica que, segundo Alves (2007), é um tipo especial de composição sintagmática e resulta da lei de economia discursiva. Assim, Covid-19 é uma unidade neológica constituída pelas iniciais dos elementos componentes do sintagma nominal *Corona Virus Disease*, enquanto “19” se refere a 2019, e, apesar de ser produzido em outra língua, foi incorporado ao português como se fosse uma unidade lexical simples, como ocorreu com a acronímica AIDS (Acquired Immunological Deficiency Syndrome).

A unidade lexical formada por esse tipo de processo resulta da lei de economia discursiva e só exerce tal papel se a sigla for de conhecimento dos usuários da língua. Por isso, o neologismo formado por sigla, ao ser empregado, inicialmente, apresenta-se frequentemente explicado por meio de todo o sintagma (ALVES, 2007), a saber:

Desde o início de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de **Covid-19**. **COVID** significa COrona VIRus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto “19” se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças (Portal da Fio Cruz, 13/03/2020, grifos nossos)<sup>5</sup>.

Esse sintagma deixou de ser necessário para a compreensão da sigla Covid-19, pois ela difundiu-se amplamente por uma necessidade social de nomear um novo fenômeno social. Vejamos alguns excertos com o uso dessa sigla nos meses de maio e junho de 2020, respectivamente:

**Quinta-feira teve três mortes por Covid-19 em MT; número foi o maior registrado desde o início da pandemia**

Nesta quinta-feira (14) três pessoas morreram em Mato Grosso após serem diagnosticados com **Covid-19** (G1 MT, 14/05/2020, grifos nossos).<sup>6</sup>

**Governo usou 39% dos R\$ 404 bilhões liberados para o combate ao coronavírus**

O governo federal gastou 39% dos R\$ 404,2 bilhões liberados para o combate ao novo coronavírus. As despesas pagas até a última sexta-feira (12) somam R\$ 156,8 bilhões. Os números foram levantados pela Consultoria de Orçamento e Fiscalização Financeira da Câmara dos Deputados, que mantém uma página com dados sobre a execução das despesas direcionadas à **covid-19** (Uol/Economia, 15/06/2020, grifos nossos).<sup>7</sup>

De acordo com Monteiro (2002, p. 194), nos casos em que a sigla recebe um sufixo derivacional, trata-se de uma das razões pelas quais a ratifica como processo

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19>>. Acesso em: 10.jun.2020

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/05/14/quinta-feira-teve-tres-mortes-por-covid-19-em-mt-numero-foi-o-maior-registrado-desde-o-inicio-da-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 10.jun.2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/15/governo-usou-39-dos-r-404-bilhoes-liberados-para-o-combate-ao-coronavirus.htm>. Acesso em: 16.jun.2020.

formador de palavras: “Consideramos a acrossemia um processo formador de palavras [por poder] receber sufixos derivacionais, fenômeno que normalmente não ocorre em locuções, mas apenas em vocábulos isolados”. De **Covid**, temos, por exemplo, o derivado "covidinho", caso em que a sigla passa a funcionar como um radical ao qual é acrescentado o morfema gramatical derivacional -inho, e utilizado, por exemplo, para nomear produtos comerciais, conforme as figuras 01 e 02:



Figura 01 – Propaganda de caneca de cerâmica “covidinho”<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://artera.com.br/produto/caneca-de-ceramica-covidinho/>>. Acesso em: 10.jul.2020 revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988



Figura 02 – Post de amigurumi “covidinho”, em instagram<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CAfdvrjDu-c/>>. Acesso em: 10.jul.2020.



De acordo com Alves (2007, p. 58), esse processo de derivação da acronímia "revela que a sigla já se encontra no domínio popular".

### b) **Auxílio emergencial: composição sintagmática**

Em função da crise socioeconômica potencializada durante a pandemia da Covid-19, foi criado um benefício financeiro, pago pelo Governo Federal, destinado a um público específico, e para nomeá-lo, criou-se a unidade neológica **auxílio emergencial**, a partir da composição sintagmática entre **auxílio**, o determinado (substantivo), e **emergencial**, o determinante (adjetivo), os quais encontram-se numa íntima relação sintática, bem como "morfológica quanto semântica, de modo a formarem uma única unidade lexical" (ALVES, 2007, p. 50), conforme podemos observar nos excertos seguintes:

O **Auxílio Emergencial** é um benefício financeiro concedido pelo Governo Federal destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus - **COVID 19** (Caixa Econômica Federal, 2020, grifos nossos).<sup>10</sup>

#### **Caixa libera hoje parcela de auxílio emergencial de R\$ 600**

Agências ficarão abertas até as 12h em vários pontos do país. A Caixa Econômica Federal vai funcionar neste sábado (13) para atendimento aos beneficiários do **auxílio emergencial**, criado para reduzir os efeitos da pandemia. Ao todo, 680 agências estarão abertas das 8h às 12h em vários pontos do país (Agência Brasil, 13.06.20, grifos nossos).<sup>11</sup>

Correia e Almeida (2012) esclarecem que a composição sintagmática é frequente nas terminologias científicas e/ou técnicas, no entanto, o reconhecimento de um composto sintagmático não é fácil em virtude da dificuldade em "definir se dado sintagma é apenas mais um sintagma livre da língua, ou se se trata de uma unidade já

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.caixa.gov.br/auxilio/Paginas/default2.aspx>>. Acesso em: 15.jul.2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.leiagora.com.br/noticia/81883/caixa-libera-hoje-parcela-de-auxilio-emergencial-de-r-600>>. Acesso em: 20.jul.2020.



lexicalizada" (p. 62), ou seja, não mais posta em dúvida pelos falantes. Nesses casos, o hífen ratifica o sentimento de lexicalização em relação ao elemento classificado como composto, porém, ele não pode ser entendido como um critério de identificação, já que o seu uso é regulado por convenções ortográficas.

Diante disso, utilizamos três critérios apresentados por Alves (2007, p. 51) para verificar se a composição sintagmática **auxílio emergencial** está se lexicalizando, o que se confirmou, a saber: (i) não admite a inserção de outro elemento que implique a alteração semântica do conjunto. Dessa forma, **auxílio emergencial** apresenta um significado fixo, distinto do valor do segmento frasal **auxílio bastante emergencial**, por exemplo; (ii) há um caráter fixo dos elementos integrantes do sintagma, sendo insubstituíveis **auxílio** e **emergencial**; (iii) ao ser empregada, conforme excertos apresentados, mantém a mesma apresentação formal e um significado constante.

### c) **Coronavoucher: hibridismo formado por composição do tipo justaposição**

Concorre com a unidade lexical **auxílio emergencial**, a unidade neológica **coronavoucher**. Vejamos alguns empregos:

O **auxílio emergencial**, também conhecido como **coronavoucher**, é um benefício instituído no Brasil pela Lei de nº 13.982/2020 que prevê o repasse de 600 reais mensais a trabalhadores informais e de baixa renda, microempreendedores individuais e também contribuintes individuais do Instituto Nacional do Seguro Social (Wikipédia, 2020, grifos nossos).<sup>12</sup>

#### **Coronavoucher será estendido com valor menor, diz Bolsonaro**

O presidente Jair Bolsonaro disse na noite desta sexta-feira que já conversou com o ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre a extensão do **auxílio emergencial** pago a trabalhadores informais e autônomos para além do período inicial de assistência, de três meses, mas com uma diminuição do valor de repasse (Terra/Economia, 22.05.20, grifos nossos).<sup>13</sup>

#### **Coronavoucher vira armadilha para o governo**

O **auxílio emergencial** ajudará muito a combalida economia brasileira neste ano. Impedirá uma queda ainda maior do PIB (Produto Interno Bruto). Também colabora para segurar outra coisa: a impopularidade

---

<sup>12</sup>Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Aux%C3%ADlio\\_emergencial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Aux%C3%ADlio_emergencial)>. Acesso em: 20.jul.2020.

<sup>13</sup>Disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/coronavoucher-sera-estendido-com-valor-menor-diz-bolsonaro.cee9e66d7ecc6cbe6b4bbf742fd28c91ka9ndlx7.html%3E>>. Acesso em: 20.jul.2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

do governo do presidente Jair Bolsonaro. (...) Faz sentido inferir que o **coronavoucher**, como o auxílio é conhecido, melhora a popularidade do governo também entre os não aptos a receber o benefício (PINTO, 16.06.20, grifos nossos)<sup>14</sup>.

Por analogia à unidade lexical **coronavírus**, constituída a partir da composição por justaposição entre **corona** e **vírus**, podemos dizer que **coronavoucher** é também um composto por justaposição, por ter em sua composição um dos elementos de **coronavírus (corona)** mais **voucher**, ou seja, cada elemento se mantém integralmente, preservando o seu próprio acento, correspondendo, assim, a dois vocábulos fonológicos. E, especificamente, se trata de um caso de hibridismo, já que **voucher** vem a ser um estrangeirismo. Para Monteiro (2002, p. 200): “Os processos que produzem os vocábulos híbridos são a composição e a derivação, sem nenhuma diferença, a não ser a diversidade de origem dos elementos formadores”. O dicionário Houaiss (2009) registra este substantivo como "vale ou cheque que assegura um crédito para futuras despesas com mercadorias ou serviços", datado de 1955, oriundo de um empréstimo linguístico da língua inglesa.

#### **d) Lockdown: Empréstimo linguístico**

Neste momento de pandemia, o processo de expansão da língua portuguesa, a neologia, também ocorre por meio de empréstimos linguísticos, importando, por exemplo, a unidade lexical **lockdown** de outro sistema linguístico, o da língua inglesa, a qual tem sido a grande fonte contemporânea de estrangeirismo linguístico, no Brasil, em virtude do prestígio socioeconômico dessa língua.

A unidade estrangeira, de acordo com Alves (1988, p. 3), é denominada como estrangeirismo, o qual designa

(...) termo ou expressão sentidos como externos à língua portuguesa. O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua, mesmo que conserve a ortografia da língua de que procede.

---

<sup>14</sup>Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/analise/coronavoucher-vira-armadilha-para-o-governo/>>. Acesso em: 20.jul.2020.

revista **Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

Nesse sentido, seguem alguns contextos de uso de *lockdown*, disseminados em diferentes suportes da mídia digital:

**Ministério Público ingressa com recurso na Justiça para adoção de 'lockdown' em Manaus**

Ação busca anular decisão do dia 6 de maio, que negou adoção do modelo mais rígido de isolamento no Estado. Mais de 12,9 mil casos do novo coronavírus já foram confirmados no Amazonas (G1 Amazonas, 12.05.20, grifos nossos).<sup>15</sup>

**Lockdown: Ministério Público pede restrição total em Cascavel**  
(Paraná Portal, 15. 06.20, grifos nossos).<sup>16</sup>

**Justiça Federal determina que prefeitos de 21 cidades de MT adotem 'lockdown' contra Covid-19**

Os 21 municípios deverão adotar as medidas de isolamento e restrição semelhantes ao decreto de 'lockdown' de Cáceres, a 220 km de Cuiabá (SOARES, G1 MT, 30.06.2020, grifos nossos).<sup>17</sup>

Trazemos também materialidade de uso da unidade *lockdown* em documentos produzidos por municípios que decretaram tal ação, como cartilha informativa e decretos.

---

<sup>15</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/05/12/ministerio-publico-ingressa-com-recurso-na-justica-para-adocao-de-lockdown-em-manaus.ghtml> Acesso em: 20.jul.2020.

<sup>16</sup>Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/cidades/lockdown-ministerio-publico-cascavel/> Acesso em: 20.jul.2020.

<sup>17</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/06/30/justica-federal-determina-que-prefeitos-de-21-cidades-de-mt-adotem-lockdown-contr-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

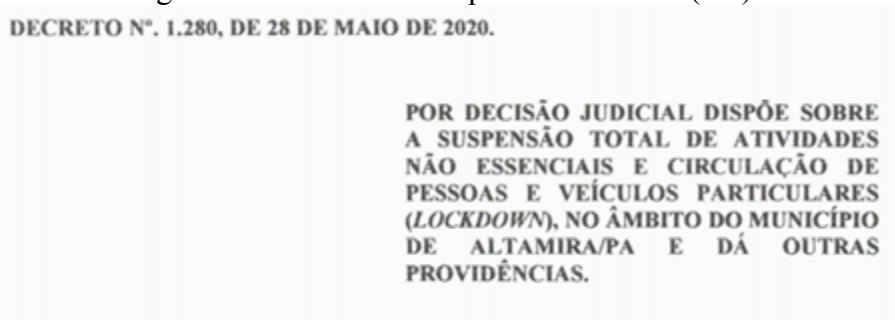


Figura 03: Capa de cartilha informativa do Estado do Pará<sup>18</sup>

Nessa cartilha, há a seguinte definição: "O que é lockdown? É a suspensão total das atividades não essenciais, com restrição de circulação de pessoas" (Cartilha informativa, Procuradoria Geral do Estado do Pará, 2020).<sup>19</sup>

Na sequência, apresentamos o emprego de *lockdown* em Decretos expedidos pelos municípios de Altamira (PA), Barreirinha (AM) e Cáceres (MT).

Figura 04: Decreto municipal de Altamira (PA)<sup>20</sup>



<sup>18</sup>Disponível em: <<http://pge.pa.gov.br/content/cartilha-lockdown>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

<sup>19</sup>Disponível em: <<http://pge.pa.gov.br/content/cartilha-lockdown>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

<sup>20</sup>Disponível em: <http://altamira.pa.gov.br/site/2020/05/28/decreto-1-280-de-28-de-maio-de-2020-lockdown/> Acesso em: 20.jul.2020.

ESTADO DO AMAZONAS  
MUNICÍPIO DE BARREIRINHA

GABINETE DO PREFEITO  
DECRETO Nº 167, DE 11 DE MAIO DE 2020.

DECRETO Nº 167, DE 11 DE MAIO DE 2020.

DECRETA isolamento social rígido (**LOCKDOW**), estabelecendo novas medidas preventivas e restritivas a serem aplicadas no Município de Barreirinha/AM., como medidas complementares e temporárias, para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do novo Coronavírus.

Figura 05: Decreto municipal de Barreirinha (AM)<sup>21</sup>



ESTADO DE MATO GROSSO  
PREFEITURA MUNICIPAL DE CÁCERES  
SECRETARIA MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO

DECRETO Nº. 354  
DE 29 DE JUNHO DE 2020.

“Prorroga, na forma e condições estabelecidas neste Decreto, as medidas de isolamento social restritivo obrigatório previstas no Decreto Municipal nº 339, de 19 de junho de 2020, alterado pelo Decreto Municipal nº 347, de 23 de junho de 2020.”

Figura 06: Decreto municipal de Cáceres(MT)<sup>22</sup>

Verificamos nas figuras 04 e 05 que a unidade léxica estrangeira *lockdown* é empregada como tradução do sintagma nominal que nomeia a finalidade do decreto, a saber: "suspensão total de atividades não essenciais e circulação de pessoas e veículos particulares", "isolamento social restrito", "isolamento social rígido". De acordo com Alves (2007, p. 76), "a evocação de uma outra cultura, por meio da busca do item léxico preciso, faz com que a forma portuguesa seja traduzida pelo elemento estrangeiro correspondente", neste caso, *lockdown*, o qual traz como acepção, no Cambridge Dictionary *online* (2020): "a period of time in which people are not allowed to leave their homes or travel freely, because of a dangerous disease".

Pelos exemplos trazidos, a palavra já se incorpora ao português brasileiro, inclusive em aplicativos de bate papo, como o *whats app*, a partir da circulação de

<sup>21</sup>Disponível em: <<https://diariomunicipalaam.org.br/verificar-publicacao>>. Acesso em: 20.jul.2020.

<sup>22</sup>Disponível em: <<http://www.caceres.mt.gov.br/downloads/Decreto354prorrogacaododecretomunicipal.pdf>>. Acesso em: 22.jul.2020.

figura com o enunciado: “Grupo entrou em lockdown”, para indicar que, por algum motivo, o bate papo encontra-se inativo. Também podemos encontrar empregos que a associam a uma acepção ligada à “causa/consequência”, remetendo-a a um ser que é causador de falência, como segue:



Figura 07 – lockdown e falência<sup>23</sup>

Circulando entre os brasileiros de forma recorrente por ocasião do contexto de pandemia, este empréstimo lexical já é sentido como parte da língua portuguesa brasileira, produzindo, inclusive, derivação, o que mostra estar sensível às transformações da língua e, para isso, recorre a mecanismos oriundos da própria língua que a lexicalizou:

Ansiedade **pós-lockdown**: quando a possibilidade de voltar a sair causa medo (LEMOS, 22/05/2020, grifos nossos).<sup>24</sup>

**Marília Arraes afirma que 'Pernambuco não se preparou para o pós-lockdown'**

A deputada disse que as medidas do Governo do Estado estão sendo tomadas sem que haja consulta da sociedade (CARVALHO, 01.06.20, grifos nossos).<sup>25</sup>

<sup>23</sup>Disponível em: <<https://www.leiagora.com.br/noticia/81715/pandemia-e-cia-ltda>>. Acesso em: 09.jun.2020.

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/05/22/ansiedade-pos-lockdown-quando-a-possibilidade-de-voltar-a-sair-causa-medo/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10.jul.2020.

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

**Beleza em confinamento e no pós lockdown. O que mudou?**  
(JORGE, 13.06.20).<sup>26</sup>

A palavra *lockdown* vem se integrando à língua portuguesa sem adaptar-se à grafia dessa, preservando as características gráficas da língua de origem, o inglês.

Feita a discussão estrutural dos neologismos, “acontecidos” em nossa língua, comentaremos seus efeitos, a partir da perspectiva do discurso.

**As palavras fazem efeito**

Se as palavras “acontecem”, o fazem para atender às necessidades de seus falantes, neste caso, para nomear “novos”<sup>27</sup> referentes advindos do acontecimento histórico Pandemia da COVID-19. Ao “acontecerem”, fazem circular efeitos de sentidos.

Segundo Baronas (2011, p. 23): “A noção de efeito de sentido está ligada umbilicalmente desde a sua gênese à noção de discurso”. E cita Guillaume (*apud* BARONAS, 2011, p. 23), o qual afirma que:

dado que o discurso é o lugar do observável e a língua, um lugar de reconstrução teórica que corresponde a um movimento natural do pensamento, os efeitos de sentido nada mais são do que o resultado dos valores atribuídos pelo discurso ao significado em língua”,

propondo, pois a relação entre sentido e discurso. Nesse sentido, a língua “acontece”, em tempos de pandemia, com a inovação lexical, por exemplo, materializando sentidos em (dis)curso, se inscrevendo na história.

Quando afirmamos que os falantes inovam seu léxico para nomear “novos” referentes, estamos considerando o acontecimento histórico Pandemia da Covid-19, a

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/06/5611058-marilia-arraes-afirma-que--pernambuco-nao-se-preparou-para-o-pos-lockdown.html>>. Acesso em: 22.jul.2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <<https://eco.sapo.pt/2020/06/13/beleza-em-confinamento-e-nos-pos-lockdown-o-que-mudou/>>. Acesso em: 20.jul.2020.

<sup>27</sup> Justificamos as aspas para inferir que os referentes não são inéditos, haja vista essa não ser a primeira pandemia na história, no entanto, para a sincronia atual da língua e geração de falantes, se trata de um contexto não antes vivenciado, já que a última situação parecida se deu entre 1918 e 1919, com a pandemia da gripe espanhola.



qual traz novos contextos de utilização da língua para a sincronia atual desta. Em Maingueneau e Charaudeau (2006, p. 30), temos a afirmação de que

o acontecimento discursivo não provém de um encadeamento causal, na medida em que nem toda situação histórica engendra obrigatoriamente um evento discursivo. O lugar discursivo do acontecimento decorre mais de uma *apresentação subjetiva* do que de uma representação *a priori*: sua maneira de ser lhe é imanente, irredutível, portanto, a toda situação histórica.

Possenti e Muniz (2020, p. 2), ao tratarem, especificamente de *corpus* relacionado ao acontecimento histórico em questão, afirmam, por sua vez, que:

um acontecimento histórico pode passar em branco, sem que se fale dele. Por isso, a relação mais comum é a de condição e consequência (não à toa se fala em condições de produção dos discursos, e não de causa de produção). Ou seja, se o acontecimento histórico não ocorresse, não haveria os discursos que dele derivam, embora não obrigatoriamente. Por exemplo, poderia não haver discurso humorístico ou religioso a propósito de uma pandemia.

As produções oral e escrita advindas do momento pós decretação de situação de pandemia, emitida pela Organização Mundial da Saúde, nos permitem afirmar que o acontecimento histórico Pandemia da Covid-19 ofereceu condições para a irrupção do evento discursivo de mesmo nome. Os neologismos descritos na seção anterior, que já se incorporam ao português brasileiro, fazem circular efeitos de sentido (discursos), como podemos ver a seguir.

Em **covidinho**, derivação sufixal originada do neologismo **covid**[-19], empregada em propagandas dos produtos caneca de cerâmica e amigurumi, o acréscimo do sufixo **-inho** ao radical **covid** contribuiu para a formação de uma palavra que faz circular um efeito de carinho junto a seu referente, como se **covid** fosse um ser ao qual devêssemos agregar valor sentimental afetivo, no entanto, o referente desse radical vem a ser uma doença causadora de uma pandemia. Assim, como os empregos se encontram em textos da esfera mercadológica, entendemos que seus enunciadores podem ter visto na ascendente circulação da palavra **covid** uma estratégia para fazer chamar à atenção a seus produtos, ressignificando o sentido negativo ligado à doença

para algo afetuoso, que pode levar o consumidor adquirir o produto por considerá-lo “bonitinho”, “delicadinho”. É o discurso do empreendedorismo em funcionamento.

Os neologismos **auxílio emergencial** e **coronavoucher** podem ser empregados em contextos linguísticos semelhantes, já que ambos remetem ao mesmo referente (benefício financeiro concedido pelo governo federal à população que se encaixa nos critérios estabelecidos para seu recebimento), conforme os excertos apresentados na seção anterior, a saber: “O **auxílio emergencial**, também conhecido como **coronavoucher**” e “Faz sentido inferir que o **coronavoucher**, como o auxílio é conhecido”, no entanto, no sítio da Caixa Econômica Federal, que é o órgão oficial/responsável para se fazer consultas e efetivar o pagamento, não há o emprego de **coronavoucher**:

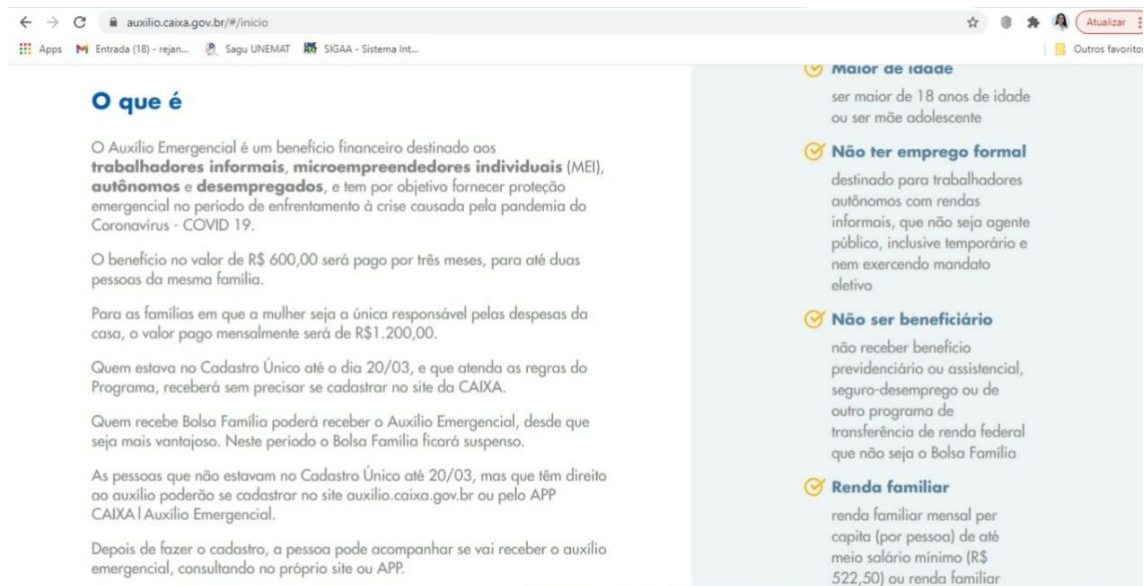


Figura 09 – Definição de auxílio emergencial, em sítio oficial do governo federal<sup>28</sup>

Tal lacuna leva-nos a fazer as seguintes questões: “Conhecido por quem?”, “Empregado por quem?”. O órgão oficial do governo não o dá a conhecer como **coronavoucher**, no entanto, seu uso é atestado em diversas materialidades veiculadas nos mais diferentes suportes midiáticos. Alguém o deu a conhecer a partir desse neologismo, não sendo a denominação oficial. É como se tivéssemos um “jeitinho

<sup>28</sup> Disponível em: <https://auxilio.caixa.gov.br/#/inicio> Acesso em: 30.nov.2020

brasileiro” diferente para nomear o benefício, o qual traz em sua composição um estrangeirismo, **voucher**, que, por sua vez, como já citado, a partir de Houaiss (2009), traz como a acepção: “vale ou cheque que assegura um crédito para futuras despesas”, muito empregado por empresas aéreas, agências de viagens (para apresentação em hotéis, *resorts*), entre outros, o que destoa do sentido que o neologismo **coronavoucher** faz circular. No nosso entendimento, seria uma forma de se afastar de denominações que tem como referentes outros auxílios direcionados à população de baixa renda, como Bolsa Família, por exemplo. E para a nomeação, usou-se um elemento da língua inglesa, que é considerada como “de prestígio”. Dessa forma, o **coronavoucher** seria “mais chique” do que o **auxílio emergencial**, que pode ser confundido como “coisa para pobre”. É o discurso de (não) pertencimento à determinada classe social em funcionamento.

Finalmente, o neologismo **lockdown** representa a atitude linguística do falante brasileiro, da mídia televisionada e eletrônica, bem como de documentos normativos oficiais de se traduzir a valorização, o prestígio social, no processo de legitimação de um novo valor atribuído ao isolamento social. No entanto, a leitura dos decretos aponta também uma outra possibilidade, que é a de preterir o uso do estrangeirismo em favor de sintagma em língua portuguesa, podendo indicar uma sutil tentativa de controle do seu uso, o que pode ser percebido nos decretos expostos nas figuras 04 e 05, nos quais a palavra é empregada para traduzir o isolamento, e não nomeá-lo como a denominação principal do referente, aparecendo de forma “marginalizada”, entre parênteses. O uso dessa unidade estrangeira como tradução do sintagma o qual nomeia a ação de impor o isolamento social, no Brasil, em decretos municipais, vislumbra, a nosso ver, uma tentativa velada de controlar a língua na sua representação escrita formal, passível de regular, coibir ou promover o uso de uma forma linguística em detrimento de outra, portanto, um atitude de resistência contra o estrangeirismo, em nome da pureza da língua, ou seja, negando o caráter constitutivo dela, a variação. No decreto apresentado na figura 06, já nem se faz o uso desse estrangeirismo em nenhum momento do texto, sendo apagado; no entanto, a população entende estar em sistema de **lockdown**, mesmo o decreto não nomeando o referente com essa palavra. Dois tipos de resistência, portanto: a de utilização para tradução; e seu apagamento. É o discurso de defesa da língua nacional em funcionamento.

## Considerações finais

Apresentamos uma possibilidade de leitura de palavras postas em funcionamento, durante a pandemia da Covid-19, a qual indica que o acontecimento histórico propiciou um acontecimento discursivo, tendo o *corpus* oferecido condições para que as leituras propostas confirmassem a relação entre língua e história, sendo esta inscrita naquela.

Após o batimento descrição/interpretação (PÊCHEUX, 2008, p. 54), concluímos que quando se estuda o léxico de uma língua relacionando seu emprego a discursos que faz circular, abre-se um leque de possibilidades para compreender o sujeito fazendo sentido na história pelas palavras.

Selecionamos um recorte que pudesse mostrar indícios de que criações lexicais em tempos de pandemia vão além de processos morfológicos “mecânicos” desvinculados de história e ideologia, indicando língua e discurso em movimento. As nomeações neológicas fazem circular, por exemplo, os discursos do empreendedorismo, do (não) pertencimento a determinada classe social e da defesa da língua nacional, mostrando, pois, a pandemia “provocando” criações lexicais e a circulação de discursos que estão na memória social, porém, deslocada por um novo acontecimento histórico: “o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, 2008, p. 52). Tais discursos voltam a circular materializados em neologismos, resgatando a memória que lhe é suscetível, mas deslocando-a.

Na perspectiva lexical, podemos dizer que a pandemia “provoca” a criação lexical, fazendo palavras novas acontecerem. Na discursiva, podemos dizer que a pandemia mexe com a memória discursiva colocando em funcionamento diferentes discursos para dizê-la de uma forma outra, colocando outros efeitos em circulação. Acontecimento[s] e efeito[s].

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Academia, 2009. Disponível em:

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

<<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 28.nov.2020

ALVES, Ieda Maria. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: ALVES, I. M. (Org.) **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 63-82.

\_\_\_\_\_. **Neologismo: criação lexical**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. II, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004, p. 77-87.

\_\_\_\_\_. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filológicas da língua portuguesa. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. 2002, p. 203-221.

\_\_\_\_\_. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *Alfa*, v. 32, 1988, p. 1-14.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998a, p. 11-20.

\_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998b. Disponível em: <[http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998\\_0.pdf](http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf)>. Acesso em: 10 jun.2020.

Cambridge Dictionary Online. 2020. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/lockdown>> Acesso em: 28.nov.2020

CORREIA, M. ALMEIDA; G. M. de B. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>> Acesso em: 28.nov.2020

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

---

revista **Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325. ISSN: 1983-6988

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007, p. 49-57.

POSSENTI, Sírio; MUNIZ, Cellina Rodrigues. Rindo da / na pandemia. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.35, Dossiê *Discurso em tempos de pandemia*. setembro/2020, p. 119-135.

Submetido em: 05/12/2020.

Aprovado em: 05/01/2021.

### **Como referenciar este artigo:**

MORAES, Milena Borges de; CENTURION, Rejane. Inovação lexical em tempos de pandemia: acontecimento e efeito. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 305-325.